

DF. Polícia

Agressão derruba comandante do Bope

Dois estudantes foram espancados na Asa Sul por PM

ADRIANA NICACIO,
LUÍS AUGUSTO GOMES
E LUÍSA MEDEIROS

A agressão a dois estudantes do 1º ano do Ensino Médio, do Colégio Setor Leste, foi responsável pela demissão do comandante do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da Polícia Militar do DF, tenente-coronel Celso Velasco. Os alunos foram brutalmente espancados pelo tenente Ricardo Ferreira Napoleão, 29, lotado no batalhão. Foi o terceiro incidente envolvendo ações de policiais militares nos últimos três meses, sendo que os dois anteriores acabaram na morte de duas pessoas (*veja memória*). A demissão foi anunciada no início da noite de ontem, pelo comandante-geral da PM, coronel Azevedo. Segundo Azevedo, o tenente-coronel Velasco "traiu a corporação", porque não informou imediatamente o acontecido aos seus superiores e nem à Corregedoria. No lugar de Velasco, assume o tenente-coronel Sérgio Carreiras, comandante do

Batalhão Rio Branco. As agressões ocorreram sexta-feira, por volta das 17h30, próximo à passagem subterrânea da 108 Sul. Um dos adolescentes, E. N. S., 15 anos, que é diabético, está internado no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), e seu estado inspira cuidados. E., H. D. e F. C., ambos de 17 anos, saíram da escola, na 611 Sul, com duas amigas. Todos estudantes do Setor Leste e devidamente uniformizados. Eles caminharam até o Eixo W, conhecido como Eixinho de cima, para deixar uma das estudantes no ponto do ônibus. Quando E. e H. retornavam correndo, para não perder o horário do ônibus que os levariam para casa, Cidade Ocidental e São Sebastião, respectivamente, foram abordados pela viatura comandada por Napoleão e dirigida pelo soldado Cristiano Pereira Oliveira. Segundo as vítimas, Napoleão desceu e os perseguiu mesmo sem saber o motivo pelo qual corriam. H. levou uma rasteira, caiu e cortou o

queixo. Levou cinco pontos. E. também foi alcançado. Os garotos foram obrigados a deitar com o rosto para o chão e a determinação de não olhar para lado algum. F., que estava mais afastado, com a namorada, correu ajudá-los. No chão, E. e H. disseram que eram estudante do Setor Leste e estavam correndo porque não queriam perder o ônibus. "Não estou perguntando nada e fiquem calados", teria dito o tenente Napoleão, segundo contaram as testemunhas. E. disse que levantou a cabeça para conversar com o policial, foi agredido com um chute no rosto e desmaiou. Desacordado, E. foi colocado na viatura e levado ao Hospital de Base, juntamente com H. e F. Os dois, que estavam conscientes, afirmam que o tenente os deixou no hospital e fugiu. A ação policial foi criticada pela presidente da OAB/DF, Estephânia Viveiros. "Ações como essa refletem na segurança da população e são contrárias aos direitos humanos", disse.



E., segurando o soro, e H. contaram que estavam correndo para pegar o ônibus

Corporação envergonhada

Ao explicar a demissão do tenente-coronel Velasco, o comandante-geral da PM, coronel Azevedo, disse que deveria ter sido informado imediatamente do fato. Entretanto, apenas às 6h de ontem foi feita uma comunicação à Corregedoria. A situação criou um mal-estar tão grande, que o corregedor-geral da Polícia Militar, coronel Wellington Corsino do Nascimento, pediu desculpas à população e disse que corporação se sentia envergonhada. "Estamos de luto com mais este fato abominável", resumiu. O corregedor-geral condenou veementemente a ação do tenente Napoleão. Para ele, a abordagem aos estudantes foi uma sucessão de equívocos. "A Polícia Militar existe para servir e não para atentar contra a integridade física de qualquer cidadão", disse. A Corregedoria instaurou Inquérito Policial Militar (IPM) para investigar as agressões contra os adolescentes. O coronel Wellington afirmou que esteve no hospital e constatou a gravidade da violência. Ele assinou portaria designando o major Civaldo da Silva, para presidir o inquérito. O major terá 40 dias, prorrogáveis por mais 20, para concluir o caso. Durante esse período, Napoleão e Cristiano vão ser afastados do serviço de rua e ficar à disposição de Civaldo. Se for comprovado que eles cometeram o crime de lesão corporal podem ser expulsos da PM. Wellington, disse ainda, que o Centro de Operações da PM só tomou conhecimento do caso às 23h de sexta-feira quando a família de E. registrou ocorrência na 1ª DP (Asa Sul) e as vítimas foram encaminhadas para exame de corpo de delito no Instituto de Medicina Legal. Ele disse que a corregedoria soube das lesões às 6h de ontem. Napoleão e Cristiano prestaram depoimento na Corregedoria, ontem. O tenente inocentou o soldado dizendo que ele não participou da ação e admitiu o erro, confundindo os jovens com bandidos.

"Fiquei desesperada"

A mãe de E., a professora Mirian Souza Nery, 40 anos, soube por uma amiga que o sobrinho tinha dado entrada no hospital desacordado, com fratura no rosto e lesões no queixo e na testa. "Fiquei desesperada, enlouquecida", afirma. Quando chegou e viu o estado de saúde do filho ela desmaiou e teve de ser medicada. Ao retomar os sentidos, Mirian quis saber o motivo do espancamento. E. vai ficar internado por 15 dias, sendo avaliado por por uma equipe médica, em virtude de ser diabético. Mirian lamenta o filho ter sido barbaramente espancado por quem deveria selar da segurança pública. Ela explica que vai lutar pelos direitos do filho até a última instância.

"Hoje, ele saiu com vida e amanha, quem garante?", questiona. "Esse policial é uma pessoa altamente despreparada para lidar com segurança pública". A mãe de H., a dona de casa Janeida Maria Dias, 37 anos, estava em casa quando soube da agressão. Com receio da reação do pai, o estudante não disse que tinha sido espancado. Contou que havia caído e quando chegasse em casa daria detalhes. Porém, Janeida ficou intrigada. Disse ao marido que iria na casa de uma amiga e foi para o hospital. Quando chegou, encontrou o filho desacordado. Só então soube da agressão. "Ele não é bandido, não usa droga, não estava armado para ser espancado covardemente", disse.

Briga policial no BMF

A agressão aos menores, na Asa Sul, não foi o único problema que mobilizou as polícias Civil e Militar, ontem. Uma confusão ocorrida sexta-feira, por volta das 22h, no Brasília Music Festival (BMF), no estacionamento do Mané Garrincha, envolvendo o tenente-coronel Luiz Henrique Fonseca Teixeira, comandante do 6º Batalhão de Polícia Militar (Guará), e quatro policiais da Delegacia de Tóxico e Entorpecentes (DTE) da Polícia Civil, abriu um novo capítulo na crise entre as duas corporações. Segundo a ocorrência registrada na 2ª DP (Asa Norte), policiais da DTE faziam uma investigação sobre drogas no BMF e foram, supostamente, impedidos por Fonseca. A polícia investiga uma denúncia de que o coronel seria um dos donos da empresa Griffo, que faz a segurança do festival. Inconformados com o

que consideraram interferência do coronel, os policiais chamaram os colegas da Divisão de Operações Especiais (DOE) da Polícia Civil. Eles deram voz de prisão a Fonseca por desacato e o conduziram à delegacia, algemado. Fonseca alega que os agentes queriam entrar no camarote e a pedido do encarregado não permitiu. Tanto a Corregedoria da Polícia Civil quanto a Polícia Militar vão investigar o caso. A Civil quer saber se houve excesso dos agentes. O corregedor-geral da PM, coronel Wellington Corsino do Nascimento, disse que se ficar comprovado a participação de PMs com a segurança privada vai instaurar inquérito. Procurado pela reportagem do **Jornal de Brasília**, o coronel Fonseca disse que não é proprietário da Griffo e que não estava em serviço no festival.

CENAS QUE SE REPETEM

A agressão aos dois jovens, na Asa Sul, se soma a dois outros casos de violência praticada por policiais militares nos últimos 54 dias, deixando a população brasiliense assustada. Em 31 de julho, o estudante Fernando Santos Maria da Conceição, 21 anos, foi assassinado com um tiro na cabeça, disparado pelo soldado PM Marco Aurélio Epifânio. O crime ocorreu em frente ao Brasília Shopping, na W3 Norte, e a Polícia

Civil aguarda o resultado dos laudos para prosseguir as investigações. Trinta e cinco dias depois da morte de Fernando, policiais do 8º Batalhão de Polícia Militar (Ceilândia) assassinaram, também com um tiro na cabeça, o gráfico Srael Soares de Oliveira Santos, 25 anos, que se recusou a parar o carro que dirigia durante uma abordagem policial. O homicídio ocorreu em Taguatinga Sul. As investigações ainda não foram concluídas.